

NORA SAKAVIC



# OS HOMENS do REI

TUDO PELO JOGO

LIVRO 3

SECRET  
SOCIETY



SECRET SOCIETY

TRIGGER WARNINGS

Abuso e violência sexual

Alcoolismo, drogas

e abuso de medicamentos

Ansiedade e pânico

Automutilação

Bullying

Capacitismo

Homofobia

Internamento

psiquiátrico

Linguagem explícita

Morte

Não-consentimento

Suicídio

Tortura

Trauma

Violação

Violência

SECRET SOCIETY

MENCIONADOS

MAS NÃO DESCRITOS:

Abuso sexual de crianças

Crueldade animal

Pedofilia

## AVISO DE CONTEÚDO

Esta série lida com muitos conteúdos que podem ser sensíveis para algumas pessoas, por isso queremos ter a certeza de que consultaste bem a listagem de trigger warnings no início deste livro.

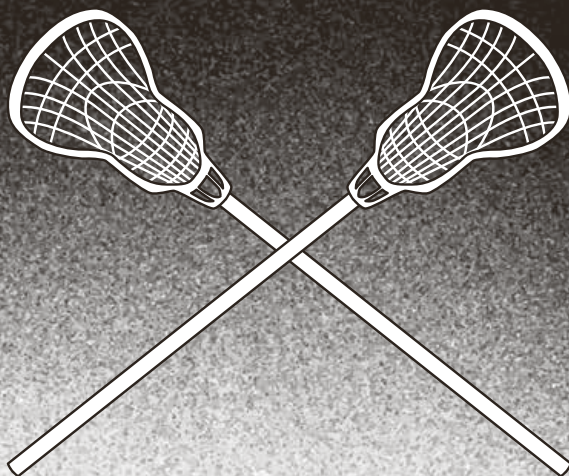
Desta vez, optámos por incluir trigger warnings que abrangem a série toda, em vez de apenas este volume. Consideramos importante que saibas o tipo de temas que podem surgir mais à frente e assim te possas preparar para ler sobre eles. Incluímos também uma listagem de temas que são mencionados, mas não descritos de forma gráfica.

Põe sempre a tua segurança psicológica e emocional em primeiro lugar.

Boa leitura... and take care!

*Inês Rôlo Martins*

A Executive Seeker da Secret Society



## CAPÍTULO UM

**M**esmo depois de um semestre na Universidade Palmetto State e de algumas semanas a treinar no maior estádio de Exy dos Estados Unidos, Neil ainda ficava boquiaberto com a Toca das Raposas. Deitado de costas na linha de meio campo, absorveu tudo à sua volta. Contou filas de cadeiras cor de laranja e brancas até estas se fundirem numa amálgama indistinta nas bancadas, depois estudou as faixas dos campeonatos da primavera penduradas em ordem numérica ao redor do estádio. Havia uma para cada uma das Raposas, incluindo o falecido Seth Gordon. Ainda não tinham sido penduradas quando as Raposas se separaram no Natal e Neil perguntou-se qual seria a reação de Allison quando as visse.

— Já não sabes como se fica de pé, Josten?

Neil inclinou a cabeça para olhar para o seu treinador. Tinha deixado a porta do campo aberta e agora David Wymack estava parado na soleira. Neil não tinha noção se estavam ali há tempo suficiente para Wymack já ter despachado a papelada.



Ou o treinador não acreditava que ele mantivesse a promessa de não treinar até estar totalmente recuperado ou Neil tinha voltado a perder a noção do tempo. Tinha esperança de que fosse a primeira opção, mas o nó no estômago indicava o contrário.

Tinha concordado em passar as férias de Natal na Edgar Allan, mas os Corvos funcionavam com dias de 16 horas durante a pausa. O que deveriam ter sido duas semanas tinham parecido três, e o relógio biológico de Neil ainda estava descontrolado, mesmo estando há dois dias na Carolina do Sul. As aulas deviam começar na quinta-feira e a época da primavera começava na semana seguinte. Wymack tinha a certeza de que voltar a ter uma rotina normal iria ajudar. Neil só esperava que ele tivesse razão.

— Temos de ir — informou Wymack.

Isso bastou para que Neil se levantasse, apesar dos protestos do seu corpo maltratado. Ignorou a dor com a facilidade decorrente do hábito e resistiu à vontade de massajar o ombro magoado enquanto atravessava o campo até junto de Wymack. Percebeu o olhar crítico que Wymack lhe lançou, mas preferiu não o reconhecer.

— Eles já aterraram? — perguntou Neil, quando estava suficientemente perto.

— Saberias a resposta se estivesses atento ao telemóvel.

Neil tirou o telemóvel do bolso e abriu-o. Carregou em alguns botões, depois mostrou o ecrã escuro a Wymack.

— Devo ter-me esquecido de o carregar.

— Deve ter sido — disse Wymack, nada convencido.

Tinha motivos para desconfiar; Neil tinha deixado o telemóvel ficar sem bateria de propósito. Antes de se deitar no Ano Novo, tinha desligado o telemóvel sem o pôr a carregar. Ainda não tinha lido as mensagens que os colegas de equipa lhe tinham enviado durante as férias. Não podia evitá-los para sempre, mas Neil ainda não sabia como explicar as suas ações. As feias lesões que



tinha no corpo eram a consequência esperada de ter enfrentado Riko. A tatuagem na cara seria mais difícil de justificar, mas não impossível. O que Neil não conseguiria explicar era o que Riko tinha feito à sua aparência.

Depois de nove anos de lentes de contacto e tinta para o cabelo, Neil tinha finalmente recuperado as suas cores naturais. Com o cabelo ruivo e os olhos azuis, era a cara chapada do pai assassino de quem passara metade da vida a fugir. Há dois dias que não se olhava ao espelho. A negação não mudaria o seu aspeto, mas tinha a certeza de que vomitaria se voltasse a ver o seu reflexo. Se ao menos pudesse pintar o cabelo de um tom mais escuro, ficaria mais descansado, mas Riko deixara claro o que faria com as Raposas se Neil mudasse a aparência.

— Eles estão na recolha de bagagem — anunciou Wymack.  
— Precisamos de falar.

Neil fechou a porta do campo atrás de si e seguiu o treinador até ao balneário. Wymack apagou as luzes do estádio e Neil olhou para trás enquanto o campo da Toca das Raposas era engolido pela escuridão. A súbita ausência de luz causou-lhe um arrepio na espinha. Por instantes, voltou a Evermore, e sentiu-se sufocado pela malevolência dos Corvos e pelas cores impositivas do campo. Nunca fora claustrofóbico, mas o peso de tanto ódio quase esmagara todos os ossos do seu corpo.

O tilintar das chaves despertou-o daquele abismo perigoso e Neil virou-se, sobressaltado. Wymack tinha entrado no balneário e estava a destrancar a porta do seu gabinete. Embora fossem os únicos ali — à exceção do segurança que fazia as rondas obrigatórias algures — Wymack trancara a porta na sua curta ausência.

Neil já ali tinha estado vezes suficientes para saber que Wymack não guardava nada de particularmente valioso nas prateleiras. A única coisa importante era o saco de lona de Neil, que este tinha pousado num canto do gabinete antes de seguir para



o campo. No seu primeiro dia na Carolina do Sul, Neil tinha pedido a Wymack que protegesse as suas coisas e, sete meses volvidos, Wymack continuava a cumprir essa promessa. Isso quase fazia com que Neil se esquecesse de Riko.

Wymack afastou-se e fez um gesto a Neil na direção das suas coisas. No curto espaço de tempo que Neil demorou a pegar no saco e a colocar a alça ao ombro, o treinador desapareceu. Neil foi dar com ele na sala de estar, sentado no centro de entretenimento, ao lado da televisão. Agarrou-se à alça do saco para ganhar coragem e parou à frente dele.

— O Kevin ligou-me ontem de manhã, quando não conseguí falar contigo — disse Wymack. — Queria saber se estavas bem. Parece que sempre soube onde estavas.

Não valia a pena mentir, por isso Neil disse simplesmente:

— Sim.

— Obriguei-o a contar aos outros — continuou Wymack, e o coração de Neil parou. Abriu a boca para protestar, mas Wymack levantou a mão e prosseguiu. — Eles precisavam de saber o que iam encontrar quando voltassem. Para teu bem. Imagina como reagiriam se não tivessem qualquer aviso. Já ficas à rasca quando te tratam por «amigo»; o mais certo era teres um surto psicótico se eles ficassem aflitos por te ver assim.

Neil quis argumentar, mas o melhor que conseguiu foi um pouco convincente:

— Estava a resolver umas coisas.

— Estavas a empatar, isso sim — acusou Wymack. — Foi por isso que intervim. Disse-lhes que parecia que tinhas andado à pera com um Sasquatch e que o mais certo era não queres falar sobre isso. Eles prometeram dar-te espaço, mas não sei se vão cumprir essa promessa quando te virem de perto. Mas não lhes contei disto. — Fez um gesto vago para a sua própria cara. Neil levou a mão ao penso que escondia a tatuagem que tinha no rosto.



— Isto?

— Tudo isso — disse Wymack, e acenou com a cabeça quando Neil tocou no cabelo. — Não sei porque é que o Riko fez isso, mas vou esperar pelas minhas respostas. O que lhes disseres é contigo.

Foi quase o suficiente para derreter o gelo no peito de Neil. Não sabia o que dizer, por isso acenou com a cabeça e olhou para o relógio. Não tinha de ir buscar os outros ao aeroporto porque Matt tinha pagado para deixar a sua carrinha no parque de estacionamento de longa duração. Neil ficou de se encontrar com eles na Torre das Raposas, mas, se ainda estavam a recolher as malas, demorariam mais uns 20 minutos a chegar ao campus a partir do Upstate Regional.

— Queres que vá contigo para moderar? — perguntou Wymack.

— Ao dormitório? — perguntou Neil.

Wymack lançou-lhe um olhar breve e piedoso.

— Não, a Columbia.

Andrew teria alta hoje. Assim que os outros deixassem as suas coisas no dormitório, seguiriam todos para o Hospital Easthaven. Tinham passado sete semanas desde que as Raposas o tinham visto pela última vez e quase três anos desde que Andrew estivera sóbrio. Dois deles sabiam como era Andrew quando estava assim; os outros só tinham ouvido rumores desagradáveis e especulações. Era pouco provável que Andrew ligasse muito ao facto de Neil estar todo moído, mas a verdade é que tinha quebrado a promessa de ficar ao lado de Kevin na ausência de Andrew.

Neil duvidava que Andrew visse isso com bons olhos, mas não estava preocupado.

— Vai correr tudo bem.

— Se não correr, pelo menos a Abby vai voltar à cidade amanhã para tratar das tuas mazelas. — Wymack consultou o relógio e pôs-se de pé. — Vamos lá, então.





Foi uma viagem curta até ao dormitório dos atletas. O parque de estacionamento atrás da Torre das Raposas estava quase todo deserto, à exceção de alguns carros das Raposas que ainda lá estavam. Supostamente, os seguranças faziam rondas para garantir que os carros não eram assaltados na ausência dos donos, mas mesmo assim Neil pediu a Wymack que parasse junto ao carro de Andrew. Primeiro, experimentou os puxadores das portas, depois verificou se os vidros estavam rachados ou tinham sido alvo de vandalismo. Deu um pontapé nos pneus e determinou que estavam aptos para a viagem. Wymack esperou com o motor ao ralenti até Neil ter terminado.

— É preciso eu ficar? — perguntou o treinador.

— Eu fico bem. Depois peço ao Kevin para lhe ligar quando tivermos o Andrew.

— Carrega o telemóvel e liga-me tu — contrapôs Wymack.  
— Boa sorte.

Arrancou, e Neil entrou no dormitório. Os corredores cheiravam levemente a ambientador e a produtos de limpeza; alguém tinha passado por lá durante a pausa para dar um jeito ao espaço. O seu apartamento ficava no terceiro andar, era o mais distante da escada dos três alojamentos das Raposas. Entrou, fechou a porta atrás de si e deu uma vista de olhos lenta ao espaço. Não tendo encontrado nada fora do lugar, pôs o telemóvel a carregar e desfez a bagagem. A última coisa que retirou foi um maço de cigarros. Levou-os para a janela do quarto e acendeu um.

Estava no segundo cigarro quando a porta da rua se abriu. O silêncio disse-lhe que Matt tinha vindo sozinho; Nicky não conseguia ser sorrateiro por nada deste mundo. Neil ouviu o baque de uma mala a ser pousada no chão e o clique da porta a fechar-se. Respirou fundo uma última vez e apagou o cigarro no para-peito da janela. Tentou dissipar a tensão dos ombros, rezou para que a sua expressão neutra se mantivesse e fechou a janela com



força. Quando se virou, Matt estava à porta do quarto com as mãos nos bolsos do casaco.

A boca do colega moveu-se sem emitir um som por alguns instantes antes de Matt proferir um abafado:

— Meu Deus, Neil.

— Não é tão mau quanto parece — disse ele.

— Por favor, não faça isso. Só, não faça... pode ser? — pediu Matt. Passou os dedos pelo cabelo, agitando as pontas com gel, e virou costas. — Não saias daí.

Neil aproximou-se da porta do quarto enquanto Matt saía do apartamento. Quase assim que a porta se fechou, ouviu o som pesado de um corpo a bater contra a parede. Neil ouviu o tom furioso de Matt que vociferava com alguém, mas as paredes eram grossas o suficiente para distorcer as suas palavras. Neil alternou o peso do corpo de um pé para o outro e cometeu o erro de olhar para a direita. A porta da casa de banho estava aberta, o que lhe permitiu vislumbrar o seu reflexo. Os hematomas multicoloridos espalhados pela cara eram horríveis, mas os olhos azuis que o encaravam eram mil vezes mais assustadores. Neil engoliu em seco para conter o vômito e desviou o olhar.

Voltou a pegar no telemóvel e tirou-o do carregador. Ainda estava muito longe da carga completa, mas esperava que aguentasse até Columbia. Deixou-o desligado até precisar dele e meteu-o no bolso. A tentação de se enfiar na cama era quase irresistível. Já estava exausto e ainda tinha de lidar com sete colegas de equipa depois de enfrentar Matt. Não conseguiria sobreviver se as raparigas voltassem hoje. Felizmente, as três só chegavam amanhã de manhã. Teria a noite para se recolher e recarregar baterias.

Obrigou-se a ir para a sala principal para esperar. Matt juntou-se a ele um minuto depois e fechou a porta com convicção atrás de si. Fez um esforço visível para se acalmar, mas ainda havia irritação na sua voz quando falou.



— O mister já gritou contigo?

— Em alto e bom som — confirmou Neil. — Não adiantou nada. Não estou arrependido, e faria tudo de novo se fosse preciso. Não — cortou, antes que Matt pudesse argumentar. — As Raposas são tudo o que eu tenho, Matt. Não me digas que errei ao tomar a única decisão que podia tomar.

Matt olhou para ele durante um minuto interminável, e disse:

— Quero partir-lhe a boca toda. Se ele voltar a aproximar-se de ti...

— Terá de o fazer — disse Neil. — Vamos jogar contra os Corvos na final.

Matt abanou a cabeça e pegou na mala. Neil deu um passo para o lado para que Matt pudesse passar, mas este encarou-o uma última vez enquanto passava. O espanto substituiu a indignação. Neil não retribuiu o olhar, mas começou a dirigir-se para a porta. Estava quase a conseguir; tinha a mão na maçaneta quando Matt falou.

— O mister disse para não perguntar pelos teus olhos — disse Matt. — Pensei que o Riko os tinha deixado negros.

Não era bem uma pergunta, por isso Neil não respondeu.

— Voltamos daqui a umas horas.

Saiu antes que Matt pudesse dizer alguma coisa. Kevin, Nicky e Aaron estavam à espera duas portas mais abaixo, em frente aos seus quartos. Nicky tinha dois sacos de presentes na mão, mas largou-os quando Neil se aproximou. Este estava a meio caminho quando viu a nódoa negra na cara de Kevin. A mancha vermelha que se espalhara por metade da bochecha indiciava que uma segunda nódoa negra não tardaria a formar-se. Não era a primeira vez que Matt batia em Kevin e definitivamente não seria a última, mas Neil decidiu que falaria com ele mais tarde. Kevin não tinha culpa de nada.

Afastou Matt do pensamento e concentrou-se nos três homens à sua frente. Como seria de esperar, Aaron era o mais



seguro de encarar. O franzir do canto da boca denotava curiosidade, não empatia, e o seu olhar demorou-se mais no cabelo de Neil do que nas nódoas negras que lhe cobriam a cara. Neil fez um compasso de espera para ver se ele perguntava alguma coisa, mas Aaron limitou-se a encolher os ombros.

Nicky, por outro lado, parecia absolutamente arrasado com o mau aspeto de Neil. Assim que este se aproximou, estendeu a mão e afagou-lhe a nuca. Puxou-o cuidadosamente contra si e apoiou o queixo na cabeça do colega. Nicky estava tenso, mas o longo suspiro que exalou saiu trémulo.

— Oh, Neil — disse, com a voz embargada. — Estás com péssimo aspeto.

— Há de passar — tranquilizou-o. — Pelo menos, a maior parte. Não te preocupes.

Os dedos de Nicky apertaram um pouco.

— Não te atrevas a dizer-me que estás bem. Hoje, não consigo ouvir isso de ti, ok?

Neil calou-se obedientemente. Nicky aguentou mais um minuto, depois soltou-o. Neil virou-se para Kevin por último e sentiu um nó no estômago. Kevin estava a olhar para ele como se tivesse visto um fantasma. Os outros podiam achar a mudança abrupta de visual surpreendente — os primos menos, porque já tinham visto os olhos azuis de Neil nas suas viagens a Columbia — mas Kevin sabia quem era Neil na verdade e tinha conhecido o seu pai. Sabia exatamente o que aquilo significava. Neil abanou a cabeça num pedido silencioso para que ficasse calado. Não ficou de todo surpreendido quando Kevin ignorou o pedido, mas ao menos o colega teve a decência de falar em francês.

— Diz-me que o mestre não aprovou isto.

— Não sei — disse Neil. Os últimos dias ao cuidado de Riko foram uma névoa dolorosa e sem sentido que ele ainda estava a tentar compreender. Só se lembrava vagamente das mãos de Jean





a pintarem-lhe o cabelo. Pensou que tinha sido uma das últimas coisas que lhe tinham feito, mas não se lembrava se o tio de Riko, Tetsuji, tinha estado presente. — O Riko disse que nos faria pagar caro se eu voltasse a pintar o cabelo. Resta-me comer e calar e esperar pelo melhor.

— Comer e calar — repetiu Kevin. Fez um gesto de incredulidade para a sua própria cara. — O Riko ligou-me no Natal para dizer que te tinha tatuado. Quanto tempo achas que vai deixar que escondas a tatuagem antes de te obrigar a mostrá-la? A imprensa não te vai dar descanso com perguntas sobre isso. Ele quer que sejas descoberto.

Neil sentiu o medo como gelo a queimar-lhe o estômago e a subir pela garganta. Deu tudo o que tinha para evitar que se infiltrasse na sua voz.

— Vou encarar isso como um elogio. Ele está a tentar afastar-me do jogo antes das meias-finais. Ele não perderia o seu tempo se não achasse que vamos ser um problema para a equipa dele. Isso já diz muito, não achas?

— Neil.

— Eu preocupo-me com isto, Kevin. Eu preocupo-me comigo. Faz o que sabes fazer melhor e concentra-te no Exy. Leva-nos até onde ele não quer que vamos.

Kevin cerrou os lábios, mas não argumentou. Talvez soubesse que era inútil; talvez soubesse que era demasiado tarde. Nicky alternou o olhar entre os dois para se certificar de que já tinham terminado, depois pegou novamente nos sacos e estendeu um a Neil.

— Um presente de Natal atrasado — disse, um pouco triste. — Ninguém sabia a tua morada em Millport, por isso pensei em dar-to pessoalmente. O Erik ajudou-me a escolher — Perante o olhar confuso de Neil, Nicky esclareceu. — Ele foi a Nova Iorque durante uns dias, para me fazer uma surpresa de Natal. O Kevin



também tem aí uma coisa para ti. Não me deixou embrulhar, por isso está num saco de plástico feio. Desculpa. — Nicky abanou o outro saco de presente enquanto Neil pegava no que ele lhe estendia. — Também tenho comigo o presente do Andrew. Na verdade, comprei a mesma coisa para os dois, porque vocês são tipo as pessoas mais difíceis de oferecer presentes.

— Desculpa — disse Neil —, mas não comprei nada para ninguém. Não estou habituado a celebrar o Natal.

— Estavas demasiado ocupado a levar nas trombas para fazer compras, queres tu dizer — concluiu Aaron. Nicky parecia horrorizado com a falta de tato do primo, mas Aaron continuou como se não tivesse dito nada de mal. — O Kevin disse que foste para lá por causa do Andrew. É verdade?

Neil lançou a Kevin um olhar ameaçador.

— Sim.

— Porquê? — perguntou Aaron. — Ele não te vai agradecer.

— Ele não te vai agradecer por teres matado o Drake — disse Neil. — É irrelevante. Fizemos o que tínhamos de fazer. Não me interessa o que o Andrew pensa.

Aaron observou-o em silêncio. Estava à procura de respostas, mas Neil não sabia qual era a pergunta. Tudo o que podia fazer era devolver-lhe o olhar, até que Aaron finalmente abanou a cabeça e desviou a cara. Neil queria insistir numa explicação, mas precisava de guardar a sua energia para Andrew. Entreteve-se a abrir o presente que Nicky lhe tinha dado: um casaco preto embrulhado em papel de seda cor de laranja. Parecia pequeno, mas era pesado. Protegê-lo-ia do frio que se instalara na Carolina do Sul. Neil deixou que Nicky lhe ficasse com o saco.

— Obrigado — disse.

— Ainda não tens roupa de inverno como deve ser — disse Nicky. — Devíamos só levar-te às compras e expandir o teu guarda-roupa outra vez, mas achei por bem começar por isto.



Se continuas a usar camisolas com capuz da equipa, vais apanhar uma constipação. Serve-te?

Neil abriu o fecho e começou a vestir o casaco. Só conseguiu vestir um braço antes de sentir uma dor lancinante a percorrer-lhe o peito e a zona dorsal. Ficou paralisado e pestanejou para afastar a névoa que tomava conta da sua visão.

— Desculpa — disse ele, e arrependeu-se de imediato. Conseguiu ouvir a dor na sua voz, suficientemente intensa para o fazer arrastar as palavras. Nicky contorceu-se de culpa. — Ainda não consigo.

— Desculpa — disse Nicky. — Eu não... não sei onde estava com a cabeça. Dá cá, dá cá. Deixa-me ajudar-te — Nicky tirou o casaco do braço de Neil e dobrou-o. — Vou guardá-lo até estares melhor, está bem?

— Está bem.

Neil fez mais uma pausa para se recompor antes de tirar o presente de Kevin do saco. Percebeu o que era assim que sentiu o seu peso. Tinha-se preocupado com o caderno durante demasiado tempo para não reconhecer a sensação de o ter na mão. À primeira vista, a pasta mais parecia o santuário de um fã obcecado com Kevin e Riko. Um olhar mais atento revelava que continha tudo aquilo de que Neil precisava para uma vida em fuga. Dinheiro, contactos no submundo e o número de telefone do tio estavam escondidos entre os incontáveis artigos de Exy.

— Não vais ver? — perguntou Nicky.

— Eu sei o que é — Neil fechou o saco e olhou para Kevin. — Obrigado.

— Não o abri.

Neil não queria voltar a lidar com Matt, por isso achou que poderia levar a pasta com eles para Columbia e guardá-la mais tarde.

— Estamos prontos?



— Se tiveres a certeza de que estás bem para fazer a viagem de carro — disse Nicky.

Neil respondeu dirigindo-se para as escadas. Os três seguiram-no até ao carro. Kevin ocupou o seu lugar habitual no banco do passageiro e Nicky seguiu Aaron para o banco de trás. Neil escondeu a pasta debaixo do banco do condutor e ignorou a dor no corpo quando entrou no carro. Quando todos já estavam instalados, Neil pôs-se a caminho. Tinha procurado o melhor percurso até Easthaven no computador de Wymack no dia anterior. Era uma viagem fácil dali, quase o mesmo caminho que tinham tomado para Eden's Twilight quando foram para os copos em Columbia. A única diferença era nos últimos 15 minutos, quando contornaram a capital e seguiram para nordeste.

Neil só se deu conta de que esperava que o Hospital Easthaven parecesse uma prisão quando finalmente avistou o edifício e ficou espantado com a ausência de arame farpado. O portão não tinha ninguém e o parque de estacionamento estava relativamente vazio. Neil desligou o motor e saiu. Kevin saiu logo a seguir, mas Nicky e Aaron foram mais demorados. O olhar que Nicky lançou para a porta de entrada denotava o seu nervosismo. Escondeu o desconforto atrás de um sorriso, quando percebeu que Neil o observava.

— Tens mesmo medo dele? — perguntou Neil.

— Não — respondeu Nicky, de forma pouco convincente.

Kevin seguiu Neil de perto quando entraram e Neil não deixou de reparar na forma como Aaron e Nicky se deixaram ficar para trás. Pensou que as reservas de última hora dos primos o deveriam deixar um pouco mais apreensivo em relação ao que os esperava, mas não sentiu nada.

Percorreu o átrio a caminho da receção. Quadros florais acrescentavam alguma cor ao espaço e, ao fundo, havia uma fachada de lareira embutida na parede. A ideia era que o local fosse





acolhedor, mas a verdade é que mais parecia um showroom de catálogo. Pelo menos, não cheirava a antisséptico e a doenças.

— Meu Deus — disse a funcionária quando levantou os olhos do computador e viu a cara de Neil. — Você está bem?

— Viemos buscar o Andrew Minyard — anunciou Neil.

— Não foi isso que eu quis dizer — disse ela, mas Neil limitou-se a encará-la em silêncio. Por fim, a funcionária apontou para a prancheta que estava na secretária à sua frente. — Se assinarem, ligo ao Dr. Slosky e digo-lhe que estão aqui.

Todos se aproximaram da secretária e foram escrevendo à vez os seus nomes na folha. Neil foi o único que hesitou quando a caneta tocou no papel. Riko não o tinha deixado ser «Neil» em Evermore. Sempre que respondia a esse nome em campo, Riko batia-lhe. Neil não tinha tido muita escolha, uma vez que os Corvos não sabiam que outro nome lhe chamar, mas Riko queria que ele soubesse os problemas que tinha causado aos Moriyama com todos os seus nomes falsos.

A funcionária estava à espera com a mão estendida, por isso Neil cerrou os dentes e anotou o seu nome por baixo do dos outros. Passou-lhe a prancheta e tentou dissipar a nova tensão que se instalara nos seus ombros.

Não tiveram de esperar muito para que um homem de meia-idade se juntasse a eles. Sorriu e apertou-lhes a mão, um a um. As suas sobrancelhas ergueram-se quando viu Neil, mas não perguntou nada.

— Chamo-me Alan Slosky. Tenho sido o principal terapeuta do Andrew durante a sua estada aqui. Obrigado por terem vindo hoje.

— Principal? — repetiu Nicky. — Quantos é que ele teve?

— Quatro — disse Slosky. Perante a expressão de Nicky, explicou. — Não é incomum os nossos doentes consultarem vários médicos. Por exemplo, um doente pode ter aconselhamento em



grupo comigo, aconselhamento individual intensivo com outro colega e gestão de medicação com um dos nossos especialistas em reabilitação. Escolhi a equipa do Andrew a dedo e garanto-vos que era composta por alguns dos meus melhores profissionais.

— Aposto que fez toda a diferença — disse Aaron.

A julgar pelo olhar que lançou a Aaron, Slosky apercebeu-se do sarcasmo na sua voz, mas não mordeu o isco. Neil perguntou-se se seria prudência ou uma confissão involuntária de fracasso.

— Posso confiar que ele terá o vosso apoio nos próximos dias? Se tiverem alguma dúvida ou precisarem de conselhos sobre como proceder, não hesitem em contactar-me. Posso dar-vos o meu cartão.

— Obrigado, mas temos a Betsy — disse Nicky e, perante o olhar confuso de Slosky, emendou — A Dra. Dobson?

— Ah, sim. — Slosky acenou com a cabeça em sinal de aprovação. Olhou por cima do ombro para o corredor vazio, pensou por instantes e depois fez um gesto para a sala de espera adjacente. — Por favor, estejam à vontade. Ele deve estar a descer; só tem de assinar a papelada do quarto.



Dispuseram-se à volta da sala, Nicky e Aaron em cadeiras separadas e Kevin a partilhar um sofá com Neil, que olhava para a lareira sem a ver. A sua mente estava a meio mundo de distância, a vaguear entre o Líbano e a Grécia. A sala estava quente o suficiente para o deixar sonolento. Tinha três semanas — duas? — de sono para pôr em dia. As noites dos Corvos eram curtas, e a dor e a violência tinham interrompido a maioria das noites de Neil. Só se apercebeu de que estava quase a adormecer quando o francês contido de Kevin o despertou.

— Eu sei como ele é — disse Kevin. Neil olhou para ele, mas Kevin estava de olhos postos nas mãos. — O Riko. Se quiseres falar.

Foi a coisa mais estranha e desconfortável que Kevin alguma vez lhe tinha dito. Ele era conhecido pelo seu talento, não pela

sua sensibilidade. A consideração e o tato eram-lhe tão estranhos como o alemão que os primos falavam. O facto de ter feito o esforço foi tão inesperado que Neil sentiu aquilo como um bálsamo em cada centímetro dorido da sua pele.

— Obrigado.

— Eu sei como ele é, mas não posso... — Kevin fez um gesto de desalento. — O Riko era cruel, mas precisava de mim para ter sucesso. Éramos os herdeiros do Exy; ele magoava-me, mas havia limites que não ultrapassaria até ao fim. Com o Jean foi diferente. Foi pior. O pai dele devia muito aos Moriyama. O mestre pagou essas dívidas em troca da presença do Jean em campo. Ele era propriedade, nada mais. Aos olhos deles, tu és igual.

— Eu não sou propriedade — disse Neil em voz baixa.

— Eu sei como ele te vê — prosseguiu Kevin. — Sei que isso significa que ele não se conteve.

— Não importa. — Até a Neil soou falso, mas Kevin não contestou. — Já passou e estou de volta a onde pertença. A única coisa que importa agora é o que vem a seguir.

— Não é assim tão fácil.

— Eu digo-te o que não é fácil: saber pelo Jean que o mister é teu pai — disse Neil, e Kevin estremeceu com violência. — Tencionavas contar-lhe?

— Quis muito contar quando ele me contratou — disse Kevin. — Mas não consegui.

— Estavas a protegê-lo a ele ou a ti próprio?

— Talvez aos dois — disse Kevin. — O mestre não é como o seu irmão, nem como o Riko. O seu reino é o campo e essa é a única esfera sobre a qual ele exerce controlo. Nunca levantou a mão ou a voz contra o mister porque ele nunca foi uma ameaça real. Eu não sabia se uma confissão poderia mudar as coisas. Não podia arriscar. Talvez quando tudo isto acabar.



— Será que alguma vez vai... — começou Neil, mas um movimento na porta fê-lo esquecer as palavras.

Andrew estava parado na soleira com Slosky atrás. Vestia a mesma camisola preta de gola alta e calças de ganga com que tinha sido internado. Tinha uma mochila pendurada ao ombro, mas Neil não se lembrava de ele ter feito uma mala antes de Betsy o ter tirado de casa. Neil podia ter-se perguntado o que é que o hospital lhe tinha dado para levar para casa, mas o seu olhar acabou por se fixar na cara de Andrew e ele esqueceu-se das palavras. A expressão dele era tão neutra e o seu olhar tão vazio que Neil sentiu um aperto no estômago. Andrew demorou-se apenas o tempo suficiente para ver quem o tinha ido buscar e virou-se para trás.

Aaron foi o primeiro a reagir. Há anos que era ignorado pelo irmão; ser olhado como se não fosse mais interessante do que uma pedra era o habitual. Aaron fez sinal a Nicky e foi atrás do irmão. Neil e Kevin trocaram olhares, numa trégua temporária e silenciosa, e levantaram-se. Slosky disse-lhes qualquer coisa enquanto saíam da sala, mas Neil não perdeu tempo a decifrar as suas palavras. Slosky tinha cumprido a sua função de tirar Andrew da medicação. Neil não precisava nem queria mais nada dele.

Quando Neil chegou à porta, Andrew já estava a meio caminho do edifício. Aaron não o seguiu, mas atravessou o pátio em direção ao parque de estacionamento. Nicky foi com ele, mas Neil e Kevin pararam para observar Andrew. Havia dois contentores de lixo encostados à esquina do edifício. Andrew despejou a mochila para dentro de um deles e Neil viu roupas a cair. Dvidou que tivessem sido fornecidas por Easthaven; o mais certo era Betsy Dobson e Andrew terem ido buscar algumas roupas aquando do internamento. Andrew olhou para a sua família de relance e usou a sua trajetória para localizar o carro. Quando se pôs a caminho, Neil e Kevin seguiram-no.



Nicky tinha as chaves consigo e abriu o carro para que ele e Aaron pudessem ocupar o banco de trás. Andrew abriu a porta do condutor, mas não entrou. Ficou de costas para o carro, com um braço apoiado no capô e o outro na parte de cima da porta, e ficou a ver os dois atacantes da equipa a aproximarem-se. Kevin parou mesmo à sua frente para avaliar o colega. Neil hesitou junto à porta das traseiras aberta para poder ver o seu reencontro.

Se Neil não soubesse que Andrew tinha passado o último ano e meio a proteger ferozmente Kevin, pensaria que eram dois estranhos. Andrew fez uma inspeção entediada a Kevin e depois dispensou-o com um piparote. Nem sequer as nódoas negras eram suficientemente interessantes para merecerem um comentário. Kevin acenou com a cabeça e contornou a parte da frente do carro até ao lugar do passageiro. Neil não esperou para ver se o olhar de Andrew se voltava para ele e entrou no carro.

Andrew deslizou para o lugar do condutor quando todos já estavam instalados e estendeu a mão entre os bancos. Neil deixou cair as suas chaves na palma da mão de Andrew. Nicky agarrou no pulso de Neil quando este baixou a mão e deu-lhe um aperto curto e firme. A intenção seria pedir desculpa pela frieza do primo, mas Neil sentiu uma chama a subir-lhe pelo antebraço e a descer até à ponta dos dedos. Tinha ficado com os pulsos em carne viva a tentar livrar-se das algemas de Riko e as ligaduras não eram suficientemente grossas para o proteger do aperto de Nicky. Neil não conseguiu conter o estremecimento.

Nicky largou-o como se tivesse sido queimado.

— Desculpa, desculpa, eu não...

A mão de Neil estava a latejar, mas mesmo assim tranquilizou-o:

— Está tudo bem.

— Não está nada — insistiu Nicky, e olhou para o primo.

— Caramba, Andrew, nem sequer vais perguntar...



Andrew aumentou o volume do rádio ao ponto de abafar tudo o que tinham para dizer. A boca de Nicky contorceu-se, mas Neil abanou a cabeça e ignorou o assunto. O olhar de repulsa de Nicky não se dissipou, mas não voltou a protestar.

Kevin só tocou no botão do volume uma vez. Andrew afastou-lhe a mão e apontou-lhe um dedo de aviso sem tirar os olhos da estrada. Kevin cruzou os braços numa declaração silenciosa de desagrado que Andrew ignorou. A cabeça de Neil começou a latejar antes mesmo de chegarem a meio do caminho. Ficou contente quando viu a Torre das Raposas, e mais contente ainda quando Andrew estacionou e o carro caiu num silêncio misericordioso.

Neil foi o primeiro a sair e agarrou na porta de Andrew antes que este a pudesse fechar. Andrew não se mexeu, mas havia espaço suficiente para Neil se inclinar e pegar na sua pasta. Endireitou-se e percebeu que Andrew se tinha aproximado mais. Era impossível não se encostar a ele, mas de alguma forma, não se importou com isso. Tinham estado afastados durante sete semanas, mas Neil lembrava-se muito bem porque tinha decidido ficar. Lembrava-se daquela força inabalável, capaz de o aguentar, a ele e a todos os seus problemas, sem o menor esforço. Pela primeira vez em meses, podia finalmente voltar a respirar. Era um alívio tão grande que chegava a ser assustador; Neil não tinha tido a intenção de se apoiar em Andrew daquela maneira.

Por fim, Andrew deu um passo atrás e olhou para Nicky.

— Tu ficas. Os outros vão-se embora.

Neil olhou para Nicky para ver se ele ficava bem sozinho com Andrew. Perante o ligeiro aceno de Nicky, ele contornou o carro para se juntar a Aaron e Kevin. Kevin olhava fixamente para Andrew por cima do tejadilho, como se conseguisse ver através da expressão vazia do colega. Neil teve de o virar à força na direção do dormitório.



Subiram as escadas até ao terceiro andar. Aaron destrancou a porta do apartamento, mas Neil abanou a cabeça ao gesto de Kevin para se juntar a eles. Esperou que fechassem a porta para ir até ao fim do corredor e ligar o telemóvel. Quando o logótipo deu lugar ao ecrã inicial, ligou para Wymack.

— Já estava a pensar que ele te tinha matado e deixado a apodrecer na berma da estrada — disse Wymack assim que atendeu.

— Ainda não — disse Neil. — Já voltámos.

— Se alguém precisar de alguma coisa, tenho o meu telemóvel comigo. Tenta manter o teu ligado.

— Sim, mister — disse Neil, e desligou o telemóvel assim que terminou a chamada.

Tinha entregado as chaves a Andrew, por isso teve de bater à porta para entrar no seu apartamento. Levou a pasta para o quarto e tirou o cofre do armário. Continha apenas uma carta já gasta, que guardou na pasta antes de trancar o cofre. Voltou para a sala de estar e viu Matt à sua espera sentado no braço do sofá. Neil retribuiu o olhar de Matt com uma expressão cautelosa. Esperou pelas inevitáveis perguntas e acusações, mas quando Matt finalmente falou, foi apenas para dizer:

— Como estás?



— Estou bem.

— Para que conste, não acredito em ti — disse Matt.

Neil encolheu um ombro, cansado.

— Provavelmente, não devias acreditar em nada do que eu digo.

Matt bufou, demasiado tenso e agastado para ser uma risada a sério.

— Tenho a sensação de que essa é a coisa mais sincera que já me disseste este ano. Mas, Neil? Estamos aqui quando precisares de desabafar.

— Eu sei.



Ficou espantado com o facto de ser verdade. Ele sabia, só de olhar para Matt, que este aceitaria agora qualquer verdade que Neil lhe contasse, por mais cruel ou inacreditável que fosse. Tinha tomado a decisão certa ao ir para Evermore; estava a tomar a decisão certa ao manter-se firme aqui com as Raposas. Por mais que o seu reflexo o assustasse. Se aquela era a única maneira de manter os seus companheiros a salvo da crueldade de Riko, aquele era um preço que estava disposto a pagar. Disse-lhe:

— Nunca estive em Nova Iorque.

Não era o que precisava de dizer ou o que Matt queria ouvir, mas este não insistiu. Presenteou-o com relatos das peripécias das férias, desde o primeiro encontro constrangedor dos primos com a sua mãe até às compras desenfreadas de Nicky. Matt levou Neil até à cozinha para lhe mostrar o café em grão que tinha comprado num café local. Já era tarde para beberem café, mas Matt estava cansado da viagem e Neil ainda estava meio fora de si. Neil tirou os filtros do armário enquanto Matt moía grãos suficientes para uma chávena para cada um.

Neil estava a encher a cafeteira com água quando bateram à porta. Matt estava mais perto, por isso foi abrir. Neil não conseguia ver o convidado daquele ângulo, mas quando Matt recuou num convite silencioso, Nicky entrou no apartamento. Parecia ileso, mas nervoso, e não conseguiu esconder a culpa que tinha estampada na cara quando encarou Matt.

— Se fosse a ti, ficava quietinho no meu canto durante uns tempos — disse Nicky. — O Andrew acabou de descobrir quem fez as nódoas negras na cara do Kevin. Tentei defender-te porque o Kevin mereceu e tu pagaste a fiança do Aaron, mas não sei se vai adiantar de muito. A lógica e o Andrew não combinam.

— Obrigado pelo aviso — disse Matt.

Nicky olhou para Neil.

— Ele mandou-me vir buscar-te.





— O que lhe contaste? — quis saber Neil.

— Nada sobre ti. — Nicky enfiou as mãos nos bolsos e fez um encolher de ombros desconfortável. — Ele quis saber de tudo o resto, do julgamento do Aaron, da cara do Kevin e dos Corvos. Disse-lhe que conquistámos um lugar nos campeonatos e falei-lhe da luta no banquete de Natal. Não lhe disse que não estivesse connosco em Nova Iorque.

Neil acenou com a cabeça e voltou para o seu quarto. Pegou no seu maço de cigarros e meteu-o no bolso de trás. As braçadeiras de Andrew estavam debaixo da almofada, onde Neil as tinha escondido em novembro. Nicky fez uma careta quando as viu.

— Talvez não seja boa ideia ele estar armado para já — disse Nicky.

— Vai correr tudo bem — disse Neil, e dirigiu-se para as escadas.

Andrew estava à espera nas escadas, com os braços cruzados sobre o peito e as costas apoiadas no corrimão. O seu olhar fixou-se imediatamente nos panos escuros que Neil lhe estendeu e ele pegou nelas sem dizer uma palavra. Neil já tinha visto as cicatrizes de Andrew de passagem, mas este virou-se para colocar as braçadeiras. Quando estas já estavam escondidas pelas mangas, Andrew subiu as escadas em vez de as descer.

A escada terminava numa porta onde estava escrito «Acesso ao telhado — Só Pessoal Autorizado». Neil supôs que estaria trancada, mas Andrew só precisou de dar uns puxões na maçaneta para a abrir. A julgar pelos cortes bem feitos na porta e na moldura, percebeu que Andrew tinha sabotado a fechadura há muito tempo. Neil não perguntou nada, mas seguiu-o para a tarde fria. O vento parecia mais forte àquela distância do chão e Neil desejou ter podido vestir o seu casaco novo.

Andrew foi até à beira do telhado e observou o campus. Neil colocou-se ao seu lado e olhou cautelosamente lá para baixo.



As alturas não lhe metiam medo, mas a falta de uma grade de proteção não o deixava descansado perante a possibilidade de uma queda de quatro andares. Neil puxou do maço, tirou dois cigarros e acendeu-os. Andrew colocou o seu entre os lábios. Neil colocou o seu entre as mãos para o proteger da brisa.

Andrew virou-se para o encarar.

— Venha de lá essa explicação.

— Não podias pedi-la lá dentro, onde está quente? — perguntou Neil.

— Se tens receio de morrer de exposição, estás um pouco atrasado. — Andrew levou uma mão à cara de Neil, mas parou com os dedos a milímetros da sua pele. Andrew não estava a olhar para as suas lesões, mas para os seus olhos desvendados. — Faltei à minha promessa ou mantiveste a tua?

— Nem uma coisa, nem outra — disse Neil.

— Sei que tiveste muito tempo na minha ausência para inventar as tuas preciosas mentiras, mas lembra-te de que te dei uma verdade a crédito em novembro. Agora, é a tua vez de jogar e não vou aceitar que me mintas.

— Nem uma coisa, nem outra — repetiu Neil. — Passei o Natal em Evermore.

Não devia ter ficado surpreendido com o facto de Andrew ter agarrado de imediato no penso que tinha na cara. Aaron e Nicky nem tinham reparado nele, no meio de todos os outros ligamentos. Andrew tinha passado demasiado tempo a proteger Kevin para não juntar as peças. Soltou um canto do penso e arrancou-o como se quisesse levar a cara de Neil atrás. Este preparou-se para a violência, mas a expressão vazia de Andrew não se alterou ao ver a nova tatuagem de Neil.

— Isto é muito baixo, até para ti — disse Andrew.

— Não foi uma opção.

— Escolheste ir para Evermore.



— Mas voltei.

— Porque o Riko deixou — corrigiu Andrew. — Estamos a sair-nos muito bem este ano e a vossa rixa é demasiado pública. Ninguém acreditaria que te transferiste de livre vontade para a Edgar Allan a meio da época. — Andrew voltou a colar o penso na cara de Neil e pressionou com força. — Não devias ter saído do lado do Kevin. Esqueceste-te?

— Prometi mantê-lo em segurança — disse Neil. — Não disse que ia andar colado a ele como tu. Cumpri a minha parte do acordo.

— Mas não assim — disse Andrew. — Já disseste que isso não teve nada que ver com o Kevin. Porque foste?

Neil não sabia se conseguiria dizer. Só de pensar nisso já era um custo. Mas Andrew estava à espera, por isso Neil conteve o aperto no estômago.

— O Riko disse que se eu não fosse, o Dr. Proust iria...

Andrew levou-lhe uma mão à boca, abafando o resto das palavras, e Neil soube que tinha falhado.

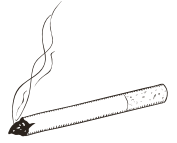
Riko dissera que o Dr. Proust de Easthaven usava «recriações terapêuticas» para ajudar os seus doentes. Havia uma linha ténue que separava a crueldade psicológica e o verdadeiro abuso físico, e Riko tinha deixado claro que Proust estava disposto a cruzar essa linha se Neil desobedecesse. Já devia saber que não podia confiar na palavra de Riko. O ódio descongelou algum do gelo que lhe corria nas veias, mas o olhar entediado de Andrew era difícil de suportar. Meses antes, Andrew tinha estado tão drogado que se rira da sua própria dor e trauma. Agora, estava tão alheado que nem isso fazia. Neil não sabia qual dos extremos era pior.

Andrew baixou a mão quando Neil ficou em silêncio.

— Não cometas o erro de pensar que preciso da tua proteção.

— Tinha de tentar. Se tivesse a oportunidade de o impedir e não fizesse nada, como poderia voltar a encarar-te? Como poderia viver comigo mesmo?





— A tua psique atormentada é um problema teu, não meu — disse Andrew. — Disse que te manteria vivo este ano. Tornas isto infinitamente mais difícil para mim quando fazes os possíveis para que te matem.

— Passas o tempo todo a proteger-nos a nós todos — disse Neil. — E quem é que te protege? Não digas que és tu, porque ambos sabemos que te estás a cagar para o que te acontece.

— Tens um problema de audição — deduziu Andrew. — Apanhaste muitas boladas no capacete, se calhar. Consegues ler lábios? — Andrew apontou para a boca enquanto falava. — Da próxima vez que alguém vier atrás de ti, fica quieto e deixa-me tratar do assunto. Percebeste?

— Se isso significar perder-te, não — disse Neil.

— Odeio-te — disse Andrew, casualmente. Deu uma última passa no cigarro e atirou-o para fora do telhado. — Era suposto seres um efeito secundário das drogas.

— Eu não sou uma alucinação — disse Neil, sem se deixar afetar.

— Tu és um sonho impossível — disse Andrew. — Vai para dentro e deixa-me em paz.

— Ainda tens as minhas chaves — lembrou-lhe Neil.

Andrew tirou as chaves de Neil do bolso e retirou a chave do carro. Em vez de devolver as outras, atirou-as para onde tinha atirado o cigarro. Neil inclinou-se para ver se elas caíam em cima de alguém, mas o passeio estava vazio. As suas chaves bateram inofensivamente no chão. Neil endireitou-se e olhou para Andrew.

Andrew não retribuiu o olhar, mas disse:

— Agora, já não tenho.

Neil abriu a boca, mudou de ideias no último segundo e virou-se em silêncio. Desceu as escadas até ao rés do chão e abriu as portas de vidro. As chaves tinham caído mais longe do que esperava, mas a luz do sol a refletir-se no metal permitiu-o encontrá-las



rapidamente. Neil pegou nelas e viu o cigarro de Andrew ali perto. As cinzas tinham-se partido com o impacto, mas a ponta ainda soltava um fino fio de fumo.

Andrew estava a observá-lo, ainda empoleirado na borda do telhado como se desejasse morrer. Neil não soube ao certo porque o fez, mas apanhou o cigarro de Andrew do passeio e enfiou-o entre os lábios. Inclinou a cabeça para trás para encontrar o olhar inabalável de Andrew e bateu com dois dedos na têmpora, fazendo a saudação trocista de Andrew. Este virou-se e desapareceu de vista. Parecia uma vitória, embora Neil não soubesse bem porquê. Calçou o cigarro com o sapato quando regressou a casa.

Matt estava no sofá quando Neil chegou ao apartamento. A cafeteira já tinha feito o café e a caneca quente soube bem nas mãos geladas de Neil. Matt examinou-o a caminho do sofá, provavelmente à procura de novas lesões. Neil sentou-se o mais cuidadosamente possível na almofada mais afastada e respirou o vapor da sua bebida quente.

— Onde é que nós íamos? — perguntou Neil.

Matt suspirou, mas continuou de onde tinha parado. Contou-lhe sobre a neve em Central Park e a contagem decrescente de Ano Novo em Times Square. Neil fechou os olhos enquanto ouvia, tentando imaginar por instantes como tinha sido e que também tinha estado lá. Não queria adormecer, mas um puxão cuidadoso na caneca de café fê-lo acordar num sobressalto. Matt evitou por pouco ser atingido e levantou as mãos para afastar Neil.

— Calma — disse-lhe. — Sou só eu.

A caneca estava fria nas suas mãos e a luz da sala não batia certo. Neil olhou para a janela, à procura do céu, mas as persianas estavam fechadas. Deixou que Matt pegasse no café e levantou-se quando ele deu um passo atrás. Atravessou a sala o mais depressa que o seu corpo maltratado conseguiu e puxou os fios para levantar as persianas. O sol já se tinha posto, mas ainda havia



alguma luz no céu. Seria o crepúsculo ou o amanhecer, mas Neil não conseguiu descortinar. Encostou as mãos à janela.

— Que dia é hoje?

Matt pareceu demorar uma eternidade a responder, e as palavras surgiram lentamente.

— É terça-feira.

Seria o crepúsculo, então. Só tinha perdido algumas horas.

— Neil? — interpelou Matt. — Estás bem?

— Estou mais cansado do que pensava — disse Neil. — Vou deitar-me mais cedo.

A expressão condoída de Matt indiciava a sua descrença, mas não tentou impedi-lo. Neil fechou a porta do quarto com firmeza e deu início ao penoso processo de trocar de roupa. Estava a respirar com os dentes cerrados quando finalmente conseguiu vestir o pijama. Apertou as mãos para as impedir de tremer, mas a subida para o beliche fez com que os tremores lhe chegassem ao estômago. Ainda era cedo e ele estava demasiado dorido para voltar a adormecer, mas tapou a cabeça com os cobertores e obrigou-se a parar de pensar.





## CAPÍTULO DOIS

**L**evantar-se da cama na quarta-feira de manhã exigiu um esforço hercúleo, a que Neil só correspondeu porque estava tão empenhado na autopreservação como em manter as suas mentiras. Precisava que os colegas de equipa pensassem que ele estava bem. Isso significava fazer a sua rotina diária como se o Natal nunca tivesse acontecido. Ganhou tempo para bloquear os seus pensamentos ao fazer a corrida mais lenta de sempre pela Perimeter Road. Cada passo enviava-lhe choques de dor pelas pernas acima e Neil já estava dormente dos joelhos aos dedos dos pés quando chegou à Torre das Raposas.

Matt, que tinha desaparecido para o ginásio antes de Neil se levantar, estava à sua espera na sala de estar com um ar incrédulo.

— És doido, sabias? Diz-me que não saíste mesmo à rua assim.

— A que horas aterra a Dan? — inquiriu Neil.

Por instantes, Neil pensou que Matt não o deixaria mudar de assunto tão facilmente. Cerrou os lábios numa linha de reprovação. Mas, em vez de começar um sermão, Matt disse:



— Vou buscá-las às onze e seguimos logo para o campo. Apanhas boleia com o Andrew?

— Sim — disse Neil. — O mister quer que fale com a Abby antes da reunião.

Neil fechou-se na casa de banho para tomar um duche rápido. Secar-se quase lhe custou mais do que a corrida, apesar dos seus melhores esforços para ser cuidadoso. Vestiu-se a passo de caracol, esboçando um esgar de dor a cada movimento, e depois fez uma pausa para recuperar o fôlego. Deu-lhe tempo para colocar um penso novo sobre a tatuagem, mas ainda sentia o coração a bater nas têmporas quando emergiu do calor abafado da casa de banho.

Matt estava esparramado no sofá com a TV ligada quando Neil saiu do quarto já vestido. Não disse nada quando o viu sair de casa, talvez partindo do princípio de que Neil iria ter com os primos duas portas mais abaixo. Em vez disso, Neil saiu do dormitório e seguiu pelo caminho sinuoso até à Perimeter Road. Atravessou o campus devagar até chegar à biblioteca.

Só passou por mais alguns alunos que subiam as escadas até à sala de informática. Apesar da relativa privacidade, Neil dirigiu-se a um computador na última das filas. Deixara de acompanhar obsessivamente as notícias em setembro, mas hoje não estava à procura de vestígios do seu passado. Procurou primeiro algo sobre a sua passagem por Evermore, não encontrou nada e passou a pesquisar as outras equipas que se qualificaram para os campeonatos da primavera. Era uma maneira fácil de parar de pensar e queimar algumas horas.

Não se lembrava de ter baixado a cabeça e definitivamente não se lembrava de ter adormecido. Assustou-se quando sentiu dedos a cravarem-se na parte de trás do seu crânio. Tentou pegar numa arma, numa faca, em qualquer coisa que estivesse suficientemente perto para lhe dar espaço para fugir, e deu um safanão no





rato do computador que deslizou pela mesa. Neil olhou para ele, aturdido, e depois para o ecrã à sua frente. Os dedos cerraram-se num punho no seu cabelo e Neil não resistiu quando Andrew inclinou à força a sua cabeça para trás.

— A tua curva de aprendizagem é uma linha horizontal? — perguntou Andrew. — Ontem, disse-te para parares de me dificultar a vida.

— E eu disse-te que não prometia nada.

Andrew largou-o e ficou a ver Neil esfregar a cabeça sem qualquer tipo de remorso. Este sentou-se direito e começou a fechar as páginas de navegação. Fechou três separadores antes de ver que horas eram. Já passava das onze, o que significava que Matt estava a receber Dan e as raparigas no aeroporto e que Neil já devia estar no estádio com Abby. Não sabia o que era pior: ter perdido assim duas horas ou ter adormecido em público. Contou silenciosamente até dez em francês e espanhol. Não ajudou muito a aliviar a sua raiva frustrada.

Andrew dirigiu-se para as escadas, presumindo, com razão, que Neil o seguiria. O carro estava parado na berma, com os piscas ligados. Os outros três do grupo estavam no banco de trás. Neil não sabia quem tinha convencido Kevin a ceder o lugar do passageiro nem porquê, mas também não valia a pena perguntar. Entrou e pôs o cinto de segurança.

— Não disse a ninguém que ia para a biblioteca — disse, assim que Andrew arrancou.

— Só tens uns quantos esconderijos — disse Nicky. — O mister disse que não estavas no estádio. Não atendeste o telemóvel quando te ligámos.

Neil apalpou os bolsos e tirou o telemóvel. Quando o abriu, o ecrã estava escuro. Tinha-o carregado ontem, mas não por muito tempo. Fechou-o e deixou-o cair no suporte para copos entre os bancos da frente. Andrew estendeu a mão e abriu o porta-luvas.



Tinha um carregador lá dentro. Por instantes, Neil pensou que Andrew tinha mexido nas suas coisas, mas o autocolante vermelho no cabo não lhe era familiar. Só podia ser o carregador de Andrew, visto que tinham o mesmo modelo de telemóvel. Neil tirou o carregador e voltou a fechar o porta-luvas.

Havia uma chave presa à cabeça do adaptador com um elástico. Neil tinha usado a chave do carro de Andrew vezes suficientes nos últimos meses para reconhecer o seu formato. Olhou para ela e para a chave que estava na ignição. Ou Andrew tinha confiscado a chave de Nicky ou tinha mandado fazer uma para Neil. Nenhuma das opções lhe fazia muito sentido. Só tinha usado o carro de Andrew porque este tinha precisado de um segundo condutor na sua ausência.

Foi uma viagem curta até à Toca das Raposas e Andrew não os seguiu para dentro do estádio. Neil inseriu o código para os deixar entrar e antecipou-se aos outros no balneário. Wymack e Abby estavam à sua espera na sala de estar. Abby pareceu ficar imensamente triste ao ver o estado deplorável de Neil, mas não o repreendeu pelo que tinha feito nem lhe perguntou porquê. Talvez já tivesse obtido respostas satisfatórias de Wymack, ou talvez o treinador estivesse ali para se certificar de que ela não se intrometia. Neil estava grato, fosse como fosse.

— Não acredito que confiaste no David para te remendar — disse Abby. — O tipo mal sabe lavar um prato, quanto mais tratar de pontos.

— Cala-te lá, rapariga — disse Wymack. — Eu tive cuidado com ele.

Abby acenou com as duas mãos para que Neil a seguisse.

— Anda, vamos tratar de ti.

Abriu caminho até ao seu gabinete e fechou a porta assim que ele entrou. Subir para a maca não foi tão doloroso como subir a escada do seu beliche, e Neil empoleirou-se na borda do colchão



fino. Abby foi buscar gaze e antisséptico, enquanto Neil tentava passar a camisola por cima da cabeça. Cerrou os dentes perante o calor que lhe descia pelos ombros até às costas e tentou fazer respirações superficiais, apesar da dor.

Abby ajudou-o com as mangas e pôs cuidadosamente a camisola de lado.

Neil escolheu um ponto na parede mais distante para fixar e ficou sentado em silêncio enquanto ela trabalhava. Começou por cima, esfregando suavemente os dedos no cabelo dele para ver se havia inchaços escondidos, e foi descendo. Wymack tinha acabado de examinar Neil na manhã do dia anterior, mas Abby tirou todas as ligaduras de Neil, exceto o penso na sua cara.

— Ele falou-lhe da minha tatuagem — disse Neil.

— E disto. — Abby deslizou os polegares ao longo da pele suave sob os olhos dele.

— Não vai fazer perguntas?

— Eu vi as tuas cicatrizes, Neil. Não estou tão surpreendida como devia ao descobrir que não são as únicas coisas que escondes. Quero perguntar, mas disseste-me uma vez para não me intrometer.

Voltou ao trabalho, mas demorou muito tempo a terminar.

Quando acabou de tratar da parte superior do corpo, ainda tinha de passar para as pernas. As nódoas negras às listas nas coxas, fruto das raquetes pesadas, fizeram-na franzir os lábios de indignação. Havia várias camadas, as roxas mais frescas sobre as verdes e amarelas desbotadas. Os joelhos de Neil não estavam melhores, consequência de ter caído sobre eles tantas vezes.

— O mister só me deixa jogar com a sua autorização — disse Neil. — Quão cedo pode ser?

Abby olhou para ele como se estivesse a falar uma língua estrangeira.



— Podes jogar quando não parecer que foste atropelado por um camião.

— Estou a melhorar. Além disso, joguei em pior estado em Evermore.

— Não estás em Evermore. Sei que a época é importante para ti, mas não te vou deixar arriscar mais a tua segurança e saúde. Tens de ter calma por uns tempos. Por uma semana — disse ela, levantando a voz quando Neil começou a protestar. — Na próxima terça-feira, vou decidir se quero ou não deixar-te jogar. Se fizeres esforços desmedidos até lá, ficas no banco mais uma semana. Entendido? Usa esta semana para descansar. E, sempre que puderes, não ponhas as ligaduras. Isto precisa de arejar.

— Uma semana — repetiu Neil. — Isso não é justo.

— Não — concordou Abby, segurando-lhe o rosto com as mãos. — Isto não é justo. Nada disto é justo.

A dor na sua voz silenciou a argumentação de Neil. Abby olhou para ele, percorrendo as suas cicatrizes feias e as suas novas feridas com um olhar desolado.

— Às vezes, acho que este trabalho vai ser a minha morte — confessou. — Ver o que as pessoas fizeram, o que continuam a fazer às minhas Raposas. Eu queria poder proteger-vos, mas chego sempre demasiado tarde. Tudo o que posso fazer é tratar de ti e esperar pelo melhor. Sinto muito, Neil. Devíamos ter-te apoiado.

— Eu não teria deixado — disse Neil.

Abby pôs os braços à volta dele e puxou-o para um abraço. Tentou ser cuidadosa, mas doeu na mesma. Não era a dor que fazia Neil ficar quieto, mas a incerteza. As únicas pessoas que alguma vez tinham abraçado Neil tinham sido os seus colegas de equipa, e eram abraços rápidos durante um jogo que corria de feição. A mãe também costumava puxá-lo para perto de si, mas normalmente era quando estavam a evitar olhares curiosos e ela queria



escondê-lo com o seu corpo. Nunca o abraçara como se fosse algo a ser protegido. Sempre fora uma mulher dura. Feroz e inabalável até ao fim.

Neil pensou nela a sufocar e a exalar o último suspiro. Lembrou-se do som do seu corpo ao ser arrancado do local onde o sangue tinha colado a pele ao vinil. Os dedos de Neil contorceram-se com a necessidade de um cigarro, do cheiro do fumo que tinha tanto de horrível como de reconfortante. Fogo era tudo o que lhe restava da mãe. Não havia sequer um vislumbre dela no seu reflexo; ele era a cara chapada do pai.

Ela tinha desaparecido. Mesmo que estivesse ali, não o teria consolado por causa disto. Não o teria abraçado como se estivesse a uma inspiração profunda de se desfazer. Teria limpado as suas feridas, porque não podiam correr o risco de serem atrasados por uma infeção, mas ter-lhe-ia batido por escolher as Raposas em vez da sua própria segurança. Neil quase podia ouvi-la a falar ao seu ouvido. Não sobreviveria tempo suficiente para esquecer o som da voz da mãe. Era ao mesmo tempo reconfortante e deprimente, e uma súbita onda de tristeza ameaçou soterrá-lo.

— Tenho de ir — disse Neil. — Já terminámos?

Abby largou-o lentamente e ajudou-o a vestir-se novamente. Ele podia muito bem ter atado os atacadores dos sapatos, mas Abby fez isso por ele. Neil deixou e concentrou-se em alisar a camisola. Abby afastou-se para que ele pudesse descer da cama e não o seguiu até à porta.

Em vez de ir pelo corredor até à sala de estar, Neil saiu pela porta das traseiras até ao campo. Só conseguiu respirar quando já estava no campo interior com as mãos esmagadas contra a parede. A primeira respiração a sério que conseguiu quase o despedaçou. Sentia todas as muralhas que tinha erguido para conseguir sobreviver em Evermore a caírem à sua volta. Agarrou-se ao controlo com as pontas dos dedos, ciente de que se afogaria se se



deixasse ir. O seu coração era pedra derretida, mas cada respiração atenuava um pouco o calor. Obrigou os dedos trémulos a ficarem quietos e dirigiu-se para o balneário.

Wymack e Andrew tinham desaparecido, mas Matt e as raparigas já tinham chegado entretanto. Neil não quis olhar para elas, por isso, procurou uma tomada livre. Encontrou uma no protetor contra sobrecargas de tensão atrás do centro de entretenimento e ligou o telemóvel para o carregar. Quando a luz do telemóvel ficou vermelha, dirigiu-se para o sofá. A sua atuação casual só resultou até ter de se sentar. Nada que pudesse fazer conseguia disfarçar o cuidado com que tinha de se sentar na almofada.

Foi então que Dan explodiu finalmente.

— Aquele cabrão...

Calou-se tão abruptamente que Neil teve de olhar para ela. Renee tinha uma mão no ombro de Dan. Sorriu quando Neil olhou para ela e disse:

— Estávamos a pensar no que pedir para o almoço. A Abby disse que pode ligar para lá e que depois pode ir buscar para não termos de esperar pela entrega. Alguma sugestão?

— Como qualquer coisa — disse Neil.

Allison encarou-o com ceticismo.

— Consegues sequer mastigar?

— Sim — respondeu Neil. — Onde está o Andrew?

— Vi-o quando vínhamos para cá — disse Matt. — Ele e o mister estão a conversar ao fundo do parque de estacionamento. Acho que estão a voltar a conhecer-se. Espero que corra melhor do que o último primeiro encontro deles.

— Ainda estou a falar contigo — disse Allison.

Neil brindou a persistência da colega com outra evasiva.

— Já viste a faixa do Seth?

Ela demorou algum tempo a compreender aquelas palavras, mas logo a seguir Allison levantou-se da cadeira e avançou



em direção ao campo nos seus saltos altos de 15 centímetros. Durante um instante, parecia que Dan ia atrás dela, mas mudou de ideias com um breve abanar de cabeça.

— Sandes ou comida chinesa? — perguntou a Neil.

— Qualquer coisa.

— Estou com a Allison na cena de conseguireis mastigar. — Nicky apontou para a própria cara, indicando as nódoas negras que manchavam as faces e o maxilar de Neil. — A massa e o arroz são mais moles do que as sandes. Vamos pedir comida chinesa.

Matt levantou-se e foi transmitir a decisão a Abby. Estava a voltar quando a porta da rua se fechou com um baque. Do outro lado da sala, Dan sentou-se um pouco mais direita e lançou um olhar pleno de significado a Renee, que baixou a mão e entrelaçou os dedos no colo. Não era a resposta ansiosa que Dan estava à espera, a julgar pelo seu esgar de desilusão, mas a capitã não teve tempo de insistir antes de Andrew passar sozinho pela porta da sala.

Matt cometeu o erro de parar para olhar. Andrew não hesitou e deu-lhe um murro com força suficiente para o deitar ao chão. Devia ter sido impossível derrubá-lo; Matt era 30 cm mais alto que Andrew e levantava mais pesos do que qualquer um deles no ginásio. Mas Andrew tinha a vantagem do fator surpresa, e não parou quando Matt caiu. Esmurrou-o na cara assim que este caiu ao chão.

Dan levantou-se de imediato, mas, de alguma forma, Neil chegou primeiro a Andrew. Nem se lembrava de ter decidido mexer-se. Usou o corpo e o impulso para empurrar Andrew para trás. Esperava que este se mantivesse firme, mas Andrew deixou-se empurrar e lançou-lhe um olhar casual. Neil levantou as mãos entre eles, para o caso de Andrew tentar contorná-lo.

— Chega — disse ele. — O Matt não fez nada de mal.

Andrew afastou-o com um gesto.



— Ele sabia o que aconteceria se tocasse no Kevin, mas foi estúpido ao ponto de o fazer duas vezes. Se voltar a fazê-lo, não serei tão meiguinho.

— A sério que estás a ameaçá-lo? — perguntou Dan, incrédula. — Quem achas que pagou a fiança do Aaron? Se não fosse pelo Matt, o Aaron ainda estaria na prisão à espera do julgamento.

— Não interessa — disse Aaron da sua cadeira.

No dia anterior, Nicky tinha parecido culpado quando avisou Matt para ser discreto. Agora, pôs-se do lado dos primos e encolheu os ombros ostensivamente a Dan.

— Com isso, o Matt ajudou o Aaron, não o Andrew. Um favor a um não é um favor aos dois só porque são gémeos. Isso é batota.

— Também é um gosto ver-te, monstro — disse Matt, com azedume. Neil olhou para trás enquanto Matt se levantava. Passou a mão pelo sangue que escorria do nariz, deu uma funhadela forte e fez uma careta ao sentir o gosto. — É bom ver que continuas marado dos cornos.

— Não fiques tão surpreendido — disse Aaron. — Isso não era uma consequência da medicação.

— Olá, Andrew — disse Renee.

Andrew não disse nada, mas lançou-lhe um olhar impassível. Um sorriso de satisfação curvou os lábios de Renee e ela acenou ligeiramente com a cabeça, reconhecendo e aceitando o que quer que tivesse visto no olhar duro de Andrew. Aquela troca de olhares de dois segundos fora a totalidade do seu reencontro; Andrew voltou a concentrar-se em Neil assim que Renee ficou satisfeita.

Abby apareceu pouco depois e hesitou com a mala meio pendurada no ombro. Olhou para a raiva óbvia de Dan e para a expressão tensa e o nariz a sangrar de Matt. Não demorou muito a juntar as peças, e lançou um olhar cauteloso a Andrew.

— Andrew — disse. — Bem-vindo de volta. Isto não tem sido a mesma coisa sem ti. — Andrew olhou para ela em silêncio.





Abby esperou, mas percebeu depois que não ia obter resposta. Lançou um olhar constrangido ao resto das Raposas. — A comida deve estar pronta quando eu chegar ao restaurante. Já volto, ok? Tentem comportar-se enquanto eu estiver fora.

— Obrigada — disse Dan.

Abby lançou um último olhar a Andrew e saiu. A porta mal se tinha fechado quando Wymack entrou. Neil perguntou-se se ele teria estado a fumar ou apenas a fazer tempo, deixando a sua equipa lidar com o regresso abrupto de Andrew e as lesões de Neil, como tinha feito quando os deixara a sós para Allison fazer o luto em setembro. Wymack fez uma careta a Matt, depois olhou para Neil e Andrew.

— Não falámos já que não podemos matar os colegas de equipa? — perguntou Wymack. Andrew fingiu não ouvir, por isso Wymack olhou à volta. Bastou-lhe uma fração de segundo para perceber que faltava uma Raposa. — A Allison ainda agora estava aqui. Aonde foi ela?

— Foi ver as faixas dos campeonatos — disse Neil.

— Vai voltar quando parar de chorar — acrescentou Nicky.

— Ela não está a chorar — disse Neil.

Nicky sorriu.

— Cinco dólares em como está.

Era uma tentativa de mau gosto de aligeirar o ambiente. Neil devia tê-la ignorado. Há um mês, talvez o tivesse feito. Sabia que os colegas de equipa eram apostadores obsessivos; apostavam em tudo, desde os resultados finais até à relação inexistente de Andrew e Renee, passando por quem daria o primeiro murro numa discussão. Apostar no trauma psicológico de alguém não era algo novo ou inesperado, mas Neil não estava com disposição para aturar isso hoje. A consulta com Abby tinha-lhe posto os nervos à flor da pele e ele mal se tinha de pé. O cheiro acre de cigarro que ficara agarrado ao casaco de Andrew foi a gota de água.



Neil conseguiu dissimular o nervosismo na sua voz, mas pouco.

— Não te atrevas a apostar na dor de alguém.

— Oh, então? — Nicky levantou as mãos em legítima defesa.

— Foi sem maldade. Não quis ofender ninguém. Foi só para aliviar a tensão.

— Alivia a tensão na tua cadeira e vai ver como ela está — disse Wymack. — Temos muito que fazer hoje e não posso começar enquanto ela não voltar. Vai ficar mais zangada se começarmos sem ela do que se tu a interromperes. E sim, refiro-me a ti, Hemmick. Não quero que o Neil se mexa mais do que o necessário.

— Eu consigo andar — disse Neil.

— Que orgulho — disse Wymack. — Mas não te perguntei nada.

Nicky levantou-se da cadeira e saiu.

Andrew cravou uma unha no fundo da garganta de Neil até ter a sua atenção.

— Senta-te e está quieto.

Neil afastou a mão de Andrew e voltou-se para o sofá. Andrew reivindicou a almofada do meio, por isso Neil sentou-se no lugar livre ao seu lado. O seu corpo arrependeu-se de ter interferido naquela luta, mas Matt acenou ligeiramente com a cabeça em sinal de agradecimento quando olhou para ele do outro lado da sala. Neil olhou depois para Andrew, para aferir o seu estado de espírito, e acompanhou o seu olhar. Andrew tinha trazido uma pequena navalha e estava a rodá-la entre os dedos. Não era uma das que costumava guardar nas braçadeiras, mas Neil não se surpreendeu por não a reconhecer. Ele quase nunca via a mesma lâmina duas vezes.

— Não é assim tão fascinante — disse Andrew.

— Não — concordou Neil.



Não sabia explicar as emoções complicadas que uma lâmina afiada despertava. O pai tinha o apelido de Carniceiro por algum motivo. A sua arma de eleição era um cutelo afiado e robusto o suficiente para arrancar membros com um único golpe. Antes do cutelo, Nathan Wesninski usava um machado. Ainda mantinha esse machado por perto para quando queria fazer alguém sofrer a sério. A lâmina estava agora romba o suficiente para exigir um pouco mais de peso e esforço para cortar o osso. Neil só o vira usá-lo uma vez, no dia em que encontrou Riko e Kevin em Evermore.

— É que... — Neil procurou as palavras, consciente de que a conversa do outro lado da sala tinha acalmado um pouco. Os veteranos estavam a tentar ouvir sem serem óbvios. Neil contentou-se com a explicação mais vaga que conseguiu arranjar e esperou que os colegas presumissem que o pronome se aplicava a Riko. — Nunca percebi porque é que ele gosta de facas.

Palavras tão simples não deviam ter tido a reação que tiveram.

Andrew ficou imóvel e levantou o olhar, mas não olhou para Neil. Olhou para Renee, e portanto Neil fez o mesmo. Ela tinha parado a meio da frase para olhar para Neil, mas a Renee que o observava não era a otimista redimida das Raposas. O seu sorriso doce tinha desaparecido e o olhar vazio no seu rosto fê-lo lembrar-se de Andrew. Neil entrou instintivamente em modo de fuga ou luta. Antes que o seu corpo percebesse o que fazer, Renee desviou o olhar inescrutável para Andrew.

Ficaram a olhar um para o outro, silenciosos e imóveis, alheios aos olhares perplexos que os colegas de equipa lhes lançavam. Andrew não disse nada, mas Renee levantou o queixo. Andrew murmurou qualquer coisa em resposta e guardou a faca.

— Ele vai perder esse apreço quando tiver uma no estômago — disse.

Neil olhou novamente para Renee a tempo de ver a Outra-Renee desaparecer. Uma máscara de calma derreteu a morte



no seu rosto e ela retomou o discurso exatamente onde tinha parado. Não reconheceu o que tinha acabado de acontecer nem as perguntas óbvias na cara de Dan, mas forçou gentilmente os amigos a voltarem à conversa.

Allison e Nicky regressaram juntos. A cara de Allison estava seca e os seus olhos cheios de determinação quando se sentou. O sorriso de Renee era encorajador e Dan sorriu em sinal de aprovação. Allison tamborilou as unhas impacientes nos braços da cadeira e fixou Wymack com um olhar expectante.

— Quem vamos eliminar primeiro?

— Primeira ronda: Sudeste contra Sudoeste. — Wymack pegou na sua prancheta e folheou a página de cima. — Este ano, as equipas com classificações ímpares jogam às quintas-feiras, por isso ficamos com as sextas-feiras. A 12 de janeiro jogamos fora contra a Universidade do Texas. A boa notícia é que Austin fica mesmo fora da zona dos 1500 quilómetros, o que significa que a direção nos deixa ir de avião até lá.

» No dia 19, jogamos em casa numa desforra contra Belmonte. A 26 de janeiro, jogamos fora contra o Arkansas. Precisamos de duas vitórias em três jogos para avançarmos para a fase eliminatória. Belmonte está em quarto lugar no ranking, mas lembrem-se de como jogaram no outono. A SUA também está em quarto lugar. A UT está em segundo, e foi vice-campeã na sua região nos últimos cinco anos.

» Estas três equipas já participaram em campeonatos da primavera com resultados diferentes. Sabem o que estão a fazer. Sabem o que é preciso para se qualificarem. Nós somos o elo mais fraco. Isso não significa que vamos falhar. Significa apenas que temos de trabalhar a dobrar para nos mantermos na corrida. Se estiverem dispostos a fazer isso, temos boas hipóteses.

Pegou numa pilha de papéis que sacudiu a Matt. Este levantou-se e distribuiu-os. Wymack tinha-lhes compilado dossiês sobre



a primeira ronda. A primeira página continha o calendário de outono da UT, incluindo os resultados. As notas no final detalhavam as últimas sete prestações da UT em campeonatos da primavera. Durante três anos, tinham alcançado a terceira ronda antes de serem eliminados. Neil virou a página e percorreu os nomes do plantel. As quatro páginas seguintes seguiam o mesmo padrão para Belmonte e para a SUA.

— Na segunda-feira, vamos analisar ao pormenor o estilo de jogo deles e definir estratégias — disse Wymack. — Nessa altura, também terei cópias de todos os jogos de outono gravados em discos. Vejam-nos no vosso tempo livre se tiverem curiosidade. Com uma exceção, não vou tirar tempo dos treinos para vos mostrar mais do que alguns destaques.

» Há um intervalo de uma semana entre a primeira ronda e os jogos da fase eliminatória. A má notícia é que só saberemos quem vamos enfrentar em fevereiro. A boa notícia é que, este ano, os Três Grandes estão todos no grupo das equipas ímpares. Vão ter de se defrontar na terceira ronda. Pela primeira vez em seis anos, um deles vai ser eliminado antes das meias-finais.

— Caraças — disse Dan, sobressaltada. — Que sorte.

— Aposto que a Penn fica pelo caminho — aventou Nicky.

— Não — disse Kevin, antes que os outros pudessem fazer as suas apostas. — Não importa qual deles é eliminado; não estamos à altura de nenhum dos três. Quanto tempo é que o Neil vai ficar no banco?

— Uma semana — disse Neil, com algum ressentimento. — A Abby não vai fazer nova avaliação até à próxima terça-feira.

— Que generosa — disse Dan. — Por mim, passavas a primeira ronda no banco.

— Estou bom para jogar — disse Neil.

Kevin passou a mão por trás de Andrew para bater na nuca de Neil. Quaisquer vestígios da empatia constrangedora que sentira



por ele no dia anterior tinham desaparecido; retribuiu o olhar irritado de Neil com um olhar feroz e um mordaz:

— Já te avisei uma vez para não mentires sobre a tua saúde. Precisamos de ti em campo, mas não como peso morto. No estado em que estás agora, serias uma perfeita perda do nosso tempo.

— Enganas-te — contrapôs Neil. — Ponham-me em campo e eu mostro-vos.

— Cala-te — disse Wymack. — Quando tiveres menos de 50 pontos nessas mazelas, logo penso em deixar-te entrar no meu campo outra vez. Se te apanhar sequer a olhar para o teu equipamento antes disso, ponho-te no banco mais uma semana para aprenderes. Entendido?

— Mas...

— Só quero ouvir «sim, mister».

— Mister...

Neil esqueceu-se do resto da argumentação quando Andrew lhe beliscou o pulso. Um choque atravessou-lhe os dedos e ele afastou a mão o mais depressa que pôde. Neil lançou-lhe um olhar irritado, mas Andrew nem sequer olhou para ele. Neil escondeu o braço à volta da barriga para tirar a mão do alcance de Andrew e voltou a sua atenção para Wymack.

— Obrigado... acho eu — disse Wymack. — Andrew, quão em baixo de forma estás? Não vi um centro de fitness na lista das instalações de Easthaven.

— Porque não havia — disse Andrew. — Tive de improvisar.

— Será que quero saber? — perguntou Wymack, mas depressa respondeu à sua própria pergunta. — Não, não quero, a menos que haja um processo judicial iminente de que deva ter conhecimento. Os treinos matinais vão passar a ser novamente no ginásio. Neil, até voltares ao campo, vens ter comigo aqui. Vou pôr-te a ver gravações e a pesquisar a defesa da UT. Amanhã



à tarde, vamos ter os encontros semestrais com a Betsy. Já sabem como se processa a coisa: não podem ir com um colega que jogue na mesma posição. A Dan vai decidir os pares e atribuir-vos o horário da consulta durante o treino da manhã. Entendido?

— Entendido — disse Dan.

— O último ponto na ordem de trabalhos da minha parte é o controlo de danos — prosseguiu Wymack. — Temos os holofotes apontados para nós. Uma boa época e uma série de tragédias significam que estamos nas bocas do mundo, e é possível que, este ano, as pessoas comecem a torcer pela equipa desfavorecida. A administração quer que cavalguemos essa onda com mais publicidade. Contem com mais câmaras nos jogos, mais entrevistas e mais bisbilhotice em geral. Se pudesse proibir alguns de vocês de alguma vez abrirem a boca em público, fá-lo-ia, mas isso não está nas minhas mãos. Tentem comportar-se sem sacrificar a vossa imagem. Açam que conseguem fazer isso?

— Que desmancha-prazeres, mister — atirou Nicky.

— Serei ainda mais desmancha-prazeres se nos fizeres passar por parvos — disse Wymack. — Mas não estou tão preocupado contigo como estou com o nosso saco de pancada residente e a sua língua afiada. Alguém tem ideias sobre como fazer com que o Neil pareça menos uma esposa vítima de violência doméstica?

— Está tudo sob controlo — disse Allison, e olhou para Neil. — Vens para o nosso apartamento depois da reunião.

— Ia comprar os meus manuais escolares hoje — disse Neil.

— Não estava a pedir — disse Allison. — Podes ir quando eu fizer o que tenho a fazer, a menos que queiras sair com esse aspeto.

— Prometemos não perguntar nada sobre o Natal — acrescentou Renee. Ou ela não viu o olhar irritado que Allison lhe lançou por ter estragado as hipóteses de sacarem uns quantos mexericos ou preferiu fazer-se de desentendida. — São só uns minutos, acho eu.



Neil não confiava em Allison para não se intrometer, mas confiava que Renee intervisse a seu favor quando isso acontecesse.

— Está bem.

— Eu também preciso de ir comprar materiais — disse Nicky.

— Podemos ir quando elas fizerem o que têm a fazer.

Wymack acenou com a cabeça e olhou para a sua equipa.

— Mais alguém tem algum assunto oficial a acrescentar?

— Vamos precisar de uma prateleira ou algo assim para pôr o troféu de campeões — disse Dan. — Podemos reorganizar o espaço?

— A administração não vai aprovar uma compra dessas sem termos passado pelo menos a segunda eliminatória — disse Wymack. — Mas foi uma boa tentativa.

— Quem precisa da autorização da administração? — interveio Allison. — Vou comprá-la, porque a administração é demasiado forreta. Nós merecemos algo assim obscenamente caro. Matt, mede a caixa da tua carrinha. Preciso de saber o que cabe antes de começar a procurar a peça certa.

— Oh, ser jovem e podre de rico — disse Nicky. — Deve ser bom.

Allison olhou para as suas unhas bem tratadas, entediada.

— É mesmo.

Nicky revirou os olhos, mas não insistiu.

— Mais alguma coisa? — perguntou Wymack. O som da porta da rua a abrir anunciou o regresso de Abby e o treinador abanou a cabeça. — Esqueçam. Chegou a comida. Encham o bandulho e desopilem do meu balneário. Vou tratar de papelada e calendários, se alguém precisar de mim.

Pôs-se de pé e desapareceu no seu gabinete. Abby encheu a mesinha de centro com recipientes de comida e distribuiu pratos de papel. Quando terminou, ficou apenas tempo suficiente para dar umas boas-vindas calorosas, mas sem grande alarido,





às Raposas. Neil achou estranho que não tivesse ficado para perguntar sobre as férias de nenhum deles, mas o olhar constrangido que lançou a Neil e a Andrew a caminho do gabinete de Wymack fez com que ele pensasse que Abby estava a poupar-lhes o desconforto. Uma cortesia descabida. Andrew não se importaria nada que os seus colegas de equipa tivessem tido melhores férias do que ele e Neil não lhes levava a mal que se tivessem divertido.

O almoço foi tranquilo. Neil tirou o telemóvel do carregador à saída e Andrew não o deixou entrar no carro até o ligar. A equipa levou dois carros a caminho da Torre das Raposas e Neil seguiu as raparigas até ao seu alojamento. Allison mandou-o sentar-se de lado no sofá enquanto mexia na mala. Pegou num saco de plástico e sentou-se o mais perto possível dele. Neil ficou a vê-la a despejar maquilhagem no pouco espaço que havia entre eles.

— Teria sido melhor se tivesses ido à loja connosco — disse Allison. Soava a acusação, apesar de não lhe terem dito quais eram as suas intenções. Neil perguntou-se se era suposto pedir desculpa. Antes de se decidir, Allison prosseguiu. — Não interessa. Comprei a prateleira toda. Alguma coisa há de combinar. Olha em frente e deixa-me trabalhar. Não fales até eu te fazer uma pergunta.

Levantou os pequenos recipientes, dois de cada vez, um de cada lado da cara dele, e procurou os tons que mais se aproximavam. Conseguiu descartar alguns de imediato. Pôs de lado outros para uma segunda inspeção. Por fim, escolheu três e começou a tapar as nódoas negras que lhe cobriam a garganta e a cara. Renee e Dan posicionaram-se atrás do sofá para a verem trabalhar. Neil não arriscou a ira de Allison ao olhar para elas, mas quase podia ouvir Dan a ranger os dentes.

— Porquê? — perguntou Dan, por fim. — O que contava ele ganhar? Porque te fez isto?

— Dan — disse Renee, numa repreensão contida. — Nós prometemos.



— Tu prometeste — contrapôs Dan.

Neil tê-las-ia deixado discutir, mas não era a sua decisão que Dan estava a contestar.

— Para atingir o Kevin — disse, e Allison afastou as mãos da sua cara. Neil olhou de soslaio para Dan. — O Kevin está com as Raposas há um ano, mas ainda tem um quarto no Ninho dos Corvos, sabias? O Riko nem sequer deitou fora os trabalhos de escola dele. Interessante, não? O Riko ameaça e menospreza constantemente o Kevin, mas não consegue largá-lo. Está tão obcecado com o Kevin como o Kevin está com ele.

» Mas o Kevin está a começar a esquecê-lo. Quando enfrentámos os Corvos em outubro, ele preocupou-se mais connosco do que com o facto de ter o Riko em cima dele. Nesse dia, escolheu-nos a nós e isso é imperdoável. O Riko é rei. Não admite ser descartado, menosprezado ou superado, por isso afastou aqueles em quem o Kevin se apoiava. Quis que o temêssemos e que o Kevin fosse contagiado por essas dúvidas.

Dan resfolegou com desprezo.

— Que cretino incompetente.

— Obrigado — disse Neil. Dan pareceu confusa, por isso Neil esclareceu — Por não me perguntares se resultou.

— Claro que não resultou — cortou Allison. — Tu não tens medo do Andrew. Porque haverias de ter medo do Riko? Ele é apenas um puto mimado e desbocado com acessos de raiva. Agora, olha em frente e deixa-me trabalhar. Não te disse que podias desviar o olhar.

Neil retomou a sua posição estática até ela terminar. Allison inclinou-se um pouco para trás para apreciar o seu trabalho e depois levantou-se para ir buscar um espelho à secretária. O estômago de Neil ficou feito num nó quando ela lho entregou. Neil aceitou-o, mas deixou-o pousado no colo. Allison fez-lhe sinal para que desse uma espreitadela. Neil abanou a cabeça.



— Se dizes que ficou bom, acredito em ti — disse.

— Não tens medo do Riko, mas tens medo do teu próprio reflexo? — Allison cruzou os braços sobre o peito e lançou-lhe um olhar de pena. — És cá uma criança lixada. Isso aconteceu naturalmente ou a culpa é dos teus pais?

Dan interveio antes que Neil pudesse reagir.

— Estás ótimo. Se alguém se aproximar muito, provavelmente vai perceber que estás maquilhado, mas acho que ninguém vai perguntar. Daqui de trás nem dá para perceber. Vais ter de passar por aqui depois dos treinos matinais para te arranjares para as aulas até as lesões desaparecerem. Tens aulas às nove horas este semestre?

— Não, no outono, andava sempre numa correria para não faltar — disse Neil, e depois virou-se para Allison. — Obrigado. Nem sequer me tinha lembrado de experimentar isto. Parece-me um truque muito útil.

— E é mesmo. Comecei a usá-lo para não ser azucrinada pelos paparazzi quando comecei a jogar. Nunca mais precisei dele, mas nunca me esqueço de uma boa dica de moda. — Allison encolheu os ombros. — Põe o visual à prova e vai buscar os teus manuais. Agora, de preferência. A Dan está à espera para se apoderar do teu quarto.

— Não é o quarto dele que me interessa — disse Dan.

Neil pôs o espelho de lado e levantou-se do sofá.

— Vou andando.

— Ah, Neil? — disse Dan quando este chegou à porta. Neil deixou a mão pousada na maçaneta e olhou para ela. — Se quiseres desabafar sobre isso ou sobre qualquer outra coisa, ou... — gesticulou vagamente para a sua própria cara, referindo-se porventura à mudança abrupta de visual de Neil — Sabes que estamos aqui para ti, certo? Para o que precisares.

— Eu sei — disse Neil. — Talvez mais tarde. Envias-me uma mensagem quando for seguro voltar?



— Talvez sim, talvez não.

Neil abanou a cabeça e saiu. Fechou a porta atrás de si e ficou a olhar para o corredor. Estava cansado e dorido e com pouca vontade de enfrentar a semana fora do campo, mas por instantes, nada disso importava.

— Nós estamos bem — disse ele para o corredor vazio.  
— Nós vamos ficar bem.

Pelo menos, as Raposas ficariam bem, e isso era mais do que suficiente.





Com a sua morte ao virar da esquina,  
**NEIL** tem mais razões do que nunca para viver.

Fazer amizade com as **Raposas** era uma péssima ideia.  
**Beijar** uma? Impensável. Neil sabe que não se deve  
envolver com ninguém tão perto do fim, mas  
afastar-se de **ANDREW** revela-se impossível.

E com uma equipa para fazer chegar às finais,  
Neil precisa de enfrentar **RIKO**.  
Mas Riko não é o único **monstro** na sua vida...

**A eletrizante conclusão desta trilogia,  
em que Neil enfrenta tudo o que se ponha  
no caminho das Raposas e da sua sobrevivência.**



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

[seekthebutterfly.pt](http://seekthebutterfly.pt)  
[secretsocietypt](https://www.instagram.com/secretsocietypt)  
[#seekthebutterfly](https://www.facebook.com/seekthebutterfly)

ISBN: 978-989-583-322-1



9 789895 833221

